

O UNIVERSO MÍTICO EVOCADO POR CLARICE LISPECTOR

Marly Vasconcelos

A indagação habita a obra de Clarice Lispector, a indagação da existência e da palavra que silencia nas entrelinhas do texto. Liberta de velhas demarcações, sua escrita é mais que uma escrita e contar uma história seria pouco, se esse contar não fosse além do acontecido. Ler Clarice Lispector não é um ato passivo, mas fruir a dádiva de sua ficção é sempre uma recompensa.

Imersa em seu território ficcional, a escritora busca o que palpita além da essência das coisas e, fugindo da horizontalidade do visível, parte ao encontro do invisível. Ousada, toca a outra margem, a margem oculta, intangível. Margem que perdemos no movimento contínuo do dia a dia; longe, muito longe, do silêncio dos labirintos.

Exaustivo é o trajeto, todavia Clarice Lispector não desfaz o próximo gesto, prossegue destemida. Argonauta solitária, enfrenta a sombra, o mistério, evoca esmaecidas fímbrias e, seguindo a lira que anuncia o recorte de ilhas e baías, restaura o fulgor da dança de símbolos na penumbra da palavra. Que é sempre mais que a superfície.

O Caos – A Criação do Mundo

Em muitas mitologias a origem do mundo é o Caos. O Caos que um Ser superior ordena, harmoniza e rege. Esse mundo harmonioso é a soma, o resultado de conflitos, nascimento, morte, construção, destruição, ordem e desordem.

“Antes do mar, da Terra, e céu que os cobre
Não tinha mais que um rosto a Natureza:
Este era o Caos, massa indigesta, rude,
E consistente só num peso inerte.
Das coisas não bem juntas as discordes,

Priscas sementes em montão jaziam;
O Sol não dava claridade ao mundo,
Nem crescendo outra vez se reparavam
As pontas de marfim da nova Lua.
Não pendias, ó Terra, dentre os ares,
Na gravidade tua equilibrada
Nem pelas grandes margens Anfitrite
Os espumosos braços dilatava.
Ar, e pélagos, e Terra estavam mistos:
As águas eram pois inavergáveis,
Os ares negros, movediça a Terra.
Forma nenhuma em nenhum corpo havia.
E neles uma coisa a outra obstava,
Que em cada qual dos embriões enormes
Pugnavam frio, e quente, umido, e seco,
Mole, e duro, o que é leve, e o que é pesado.

Um Deus, outra mais alta Natureza
À contínua discórdia enfim pôe termo:
A Terra extrai dos Céus, o mar da Terra,
E ao ar fluido, e raro abstrai o espesso,
Depois que a mão divina arranca tudo
Do enredado montão, e o desenvolve,
Em lugares diversos, que lhe assina,
Liga com mútua paz os corpos todos.
Súbito ao cume do convexo espaço
O fogo se remonta ardente, e leve;
A ele no lugar, na ligeireza
Próximo fica o ar; mais densa que ambos
A Terra puxa os elementos vastos,
Da própria gravidade é comprimida.
O salitroso humor circumfluente
A possui, a rodeia, a lambe, e aberta.”¹⁸

18 OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. B. Cage. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 15-6.

Terra – Água – Fogo – Ar

“Raízes de todas as coisas”, os quatro elementos – Terra, Água, Fogo, Ar – da doutrina de Empédocles, constitutivos da matéria, do próprio homem e de tudo que existe, formam o quarteto de arquétipos interpretativos da natureza.

A Terra, a Água, o Fogo marcam, assinalam de forma mais constante

Sopro de vida, Uma Aprendizagem ou O livro dos prazeres, A maçã no escuro e Água viva de Clarice Lispector. Mas no cosmo de Vitória-Martim-Ermelinda o Fogo impõe-se com maior envergadura. Arde, crepita e “a promessa que nos foi feita – a promessa estava ali.”¹⁹

Terra

Olhávamos o copo de refresco gelado e sonhávamos estáticos dentro do copo transparente. “O que é mesmo o que você disse?”, você perguntava. “Eu não disse nada”, Passavam-se dias e mais dias e tudo naquele perigo e os gerânios tão encarnados. [...] “O quê ? “ “Eu não disse nada”. Mas eu percebia um primeiro rumor como o de um coração batendo debaixo da terra. Colocava quietamente o ouvido no chão e ouvia o verão abrir caminho por dentro e o meu coração embaixo da terra - “nada! eu não disse nada!” – e sentia a paciente brutalidade com que a terra fechada se abria por dentro em parto, e sabia com que peso de doçura o verão amadurecia cem mil laranjas e sabia que as laranjas eram minhas. Porque eu queria.²⁰

Curvando-se ao impulso, a ficcionista ouve o verão e a terra urdindo a própria colheita; ouve o próprio coração “embaixo da terra”. E unindo-se à força generosa é agora cor e exuberância, mulher/terra, mulher/natureza, produtora dos frutos que nutrem o homem. Signos que pulsam no mesmo ritmo, Clarice e Deméter. Terra. A terra fecunda.

19 LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 226.

20 LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 63-64.

Água

E agora... Talvez tivesse aprendido a falar, só isso. Mas as palavras sobrenadavam no seu mar, indissolúveis, duras. Antes era o mar puro. [...] Deus, como ela afundava docemente na incompreensão de si própria. E como podia, muito mais ainda, abandonar-se ao refluxo firme e macio. E voltar. Haveria de reunir-se a si mesma um dia, sem as palavras duras e solitárias. Haveria de se fundir e ser de novo o mar mudo brusco forte largo imóvel cego vivo. A morte a ligaria à infância.²¹

O mar misterioso e mítico acompanha a viagem literária de Clarice Lispector, seu partir e chegar. O mar sem começo e sem fim, vida e destruição, sal e esperança. O mar de seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, o mar de Joana. Heroína que mergulha na própria existência, conhecendo-se e refazendo-se. Onda e onda.

Fogo

Em algum ponto não identificável, aquele homem ficara preso num círculo de palavras. “Esquecera de informar alguma coisa?” As pedras iam certamente ter uma impressão falsa. Para quem nunca viu uma cabeleira, um fio de cabelo não era nada, e tirado de sua água, o peixe era apenas uma forma.

Por honestidade ele quis lhes esclarecer que sabia que era o sol que inchava suas palavras e as tornava tão esturricadas e grandes; e que era o sol insistente, com seu silêncio insistente, que o fazia querer falar.²²

Fogo vivo, o sol queima as palavras de Martim silenciosamente. E o silêncio do sol, silêncio que se intensifica, é uma estratégia, nunca o castigo. Outra é a intenção – incitá-lo, incitá-lo a libertar novas palavras, seu ato de cólera, a cólera que executara o crime. E a pequenez de sua vida.

Elemento que compõe o tecido criativo de *A maçã no escuro*, o fogo manifesta-se também em *Perto do coração selvagem*.

21 _____. *Perto do coração selvagem*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974. p. 186.

22 LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 35.

Enxergara em si púrpura sombria e triunfante. O que fazia com que brilhasse tanto? O tédio... Sim, apesar de tudo havia fogo sob ele, havia fogo mesmo quando representava a morte. Talvez fosse o gosto de viver.²³

Subjetivo, o fogo desfia vocábulos estranhos um ao outro – Sombria/ Triunfante, Tédio/ Fogo, Fogo/ Morte. Vocábulos que se atraem, convergem, integram-se e denotam toda a inquietação de Joana.

Eros

Eros é um dos grandes princípios do universo, “força poderosa que faz com que todos os seres sejam atraídos uns pelos outros, e pela qual nascem e se perpetuam todas as raças”.²⁴ Um dos grandes deuses primordiais, Eros garante ainda a coesão interna do Cosmos.

A narrativa mítica de Eros e Psique. A gota de azeite, o reino das sombras. Imortalidade e núpcias.

Depois que Ulisses fora dela, ser humana parecia-lhe a mais acertada forma de ser um animal vivo. E através do grande amor de Ulisses, ela entendeu enfim a espécie de beleza que tinha. Era uma beleza que nada e ninguém poderia alcançar para tomar, de tão alta, grande, funda e escura que era. Como se sua imagem se refletisse trêmula num açude de águas negras e translúcidas.²⁵

Longa é a travessia de Lóri, travessia para si e para o Outro. O ânimo, o desalento, o instante que ensombra surge na extensão do caminho. Caminho de buscas e descobertas – o achado de aromas, sensações, perigos. Etapas fundamentais para a conquista de veemências que revelam a coragem e a grandeza, o prazer e a dor, o aportar no cais definitivo. Ulisses, sua Ítaca.

23 _____, *Perto do coração selvagem*. 5 ed. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1974. p. 186.

24 MÉNARD, René. *Mitologia greco-romana*. Trad. Aldo Della Nina. São Paulo: Fittipaldi, 1985. v. 3, p. 9.

25 LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 166.

Midas

Midas, o rei da Frígia, libertou Sileno, o pai nutridor de Dionísos, que havia sido preso por camponeses. Grato, o deus permitiu que Midas formulasse um desejo e o rei lhe pede o dom de transformar em ouro tudo o que tocasse.

“Ao rogo anui o deus, porém sentindo
Que para dom melhor não fosse o rogo.
Contente o frígio vai do mal que leva,
Quer da promessa experimentar o efeito,
Quer palpar quanto vê. Quase sem crer-se,
O braço estende a uma árvore não alta,
Verde ramo lhe extrai, e é ouro o ramo:
Do chão ergue uma pedra; a pedra é ouro.”²⁶

Tudo o que toca é ouro, ouro reluzente. Mas ao sentar-se à mesa compreende que o dom o matará de fome e sede, pois frutas, água e licores brilham com a consistência do metal valioso.

Desesperado, implora ao deus a extinção da virtude concedida. É grande o seu arrependimento. Dionísos o perdoador e ordena que vá ao rio Pactolo e lave o corpo. Liberta-se Midas e as areias douram-se.

É claro que, como todo escritor, tenho a intenção de usar termos suculentos: conheço adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação, já que palavra é ação, concordais? Mas não vou enfeitar a palavra pois se eu tocar no pão da moça esse pão se tornará em ouro – e a jovem (ela tem dezenove anos) e a jovem não poderia mordê-lo, morrendo de fome.²⁷

Desvendando o “fazer literário”, Clarisse Lispector em *A hora da estrela* apresenta seu processo criativo, o plantio e a colheita de sua vindima. Soberano, o monólogo organiza e acomoda metalinguagem/

26 OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Bocage. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 92.

27 LISPECTOI, Clarice. *A hora da estrela*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 21.

enredo. O passado miúdo, o descarnado presente movimentam-se (espera, incerteza, procura) entre pausas, gestos quebradiços, quando o claro-escuro da narrativa de Midas, nota e clave, de forma breve, muito breve, retorna e ausenta-se.

Escrita que se fragmenta de quando em quando, traço de dor, estilhaçamento, a literatura de Clarice Lispector revela a nudez do ato criador, toda insatisfação que persegue os que se esforçam pela posse da Palavra. Címbalos ordenam uma nova entrega. E seu discurso mapeia caminhos de sombras, velhas alamedas, aprofunda-se na teia de um tempo distante sem relutância e medo. A fúria do sacrifício conduz ao banquete dos deuses.

Para chegar a grandeza de sua linguagem é indispensável acompanhar a rota que leva à verdadeira percepção do estético, tomando do tabuleiro de “ludus” - o mal, a inocência, o drama, a aspereza. Ficção que se oferta vigorosa, o perfume denso de sua arte pede respostas, enquanto as coisas que descansam sobre a mesa conciliam contorções de vísceras, percíveis promessas, o encantamento e o assombro, a paixão e o sopro. *Um sopro de vida*. O arquejo.

Será que estou com medo de dar o passo de morrer agora mesmo? Cuidar para não morrer. No entanto eu já estou no futuro. Esse meu futuro que será para vós o passado de um morto.²⁸

28 LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. pulsacões. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 20.

BIBLIOGRAFIA

- **ADERALDO**, Noemi Elisa. *Nos caminhos da literatura*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1983.
- **BACHELARD**, Gaston. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1984.
- **LISPECTOR**, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- _____. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.
- _____. *Um sopro de vida pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- **MÉNARD**, René. *Mitologia greco-romana*. São Paulo: Fittipaldi, 1985. v. 3.
- **OVÍDIO**. *Metamorfoses*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- **RONAN**, Colin A. *A história ilustrada da ciência*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987. v. 1.